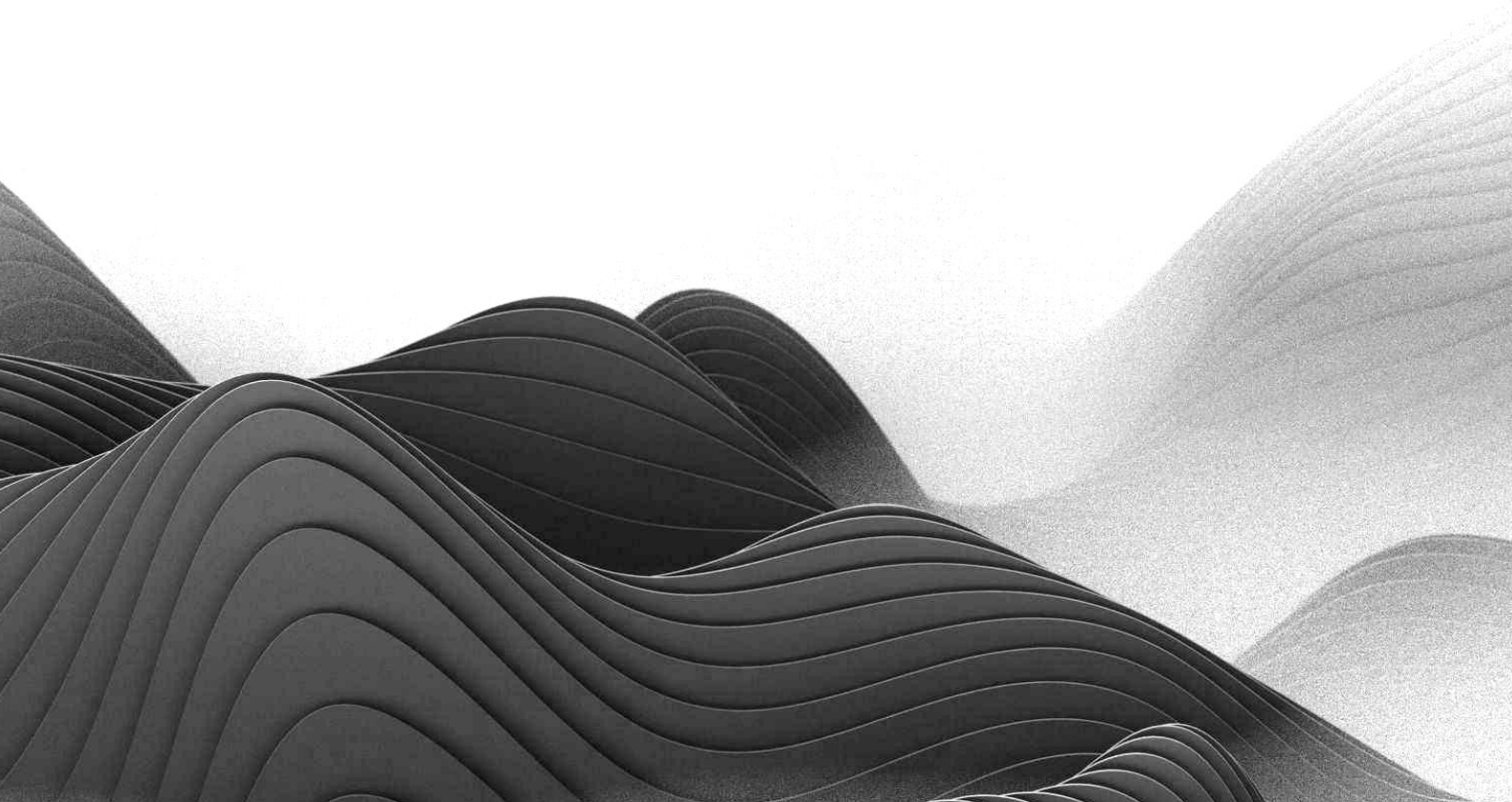


Abril / 2022

Carta Warren Asset

Fatores de Risco na Renda Fixa

 **warren** Asset Management



Quem é a Warren Asset Management?

A Warren Asset Management surgiu em meados de 2017. Nascemos com uma missão: pensar no cliente antes de pensar em investimentos. E no momento em que as necessidades do cliente são pensadas primeiro, as soluções são inovadoras, os fundos são estratégicos e os investimentos apresentam potencial para bater todos os índices do mercado.



Celson Placido,
CNPI
CIO



Igor Cavaca,
Msc., CGA
Head of Asset Management



Bruno Martins,
Msc., CGA
Credit Portfolio Manager



Eduardo Grübler,
FRM
Equity Portfolio Manager



Felipe Pires
Investment Analyst



Dionatan Silva,
CNPI-T
Investment Analyst



Greice Heemann
CEA
Investment Analyst



Lucas Pereira
Investment Analyst



Leonardo Terroso
Investment Intern



Gabriel Lacava
Investment Analyst



Igor Zambiasi
Investment Intern



Quézia Ebert
Investment Intern

R\$ **1,6bi**

de recursos confiados
em nossos fundos

20

estratégias de
investimento

73,2 Mil

clientes evoluindo
seu patrimônio

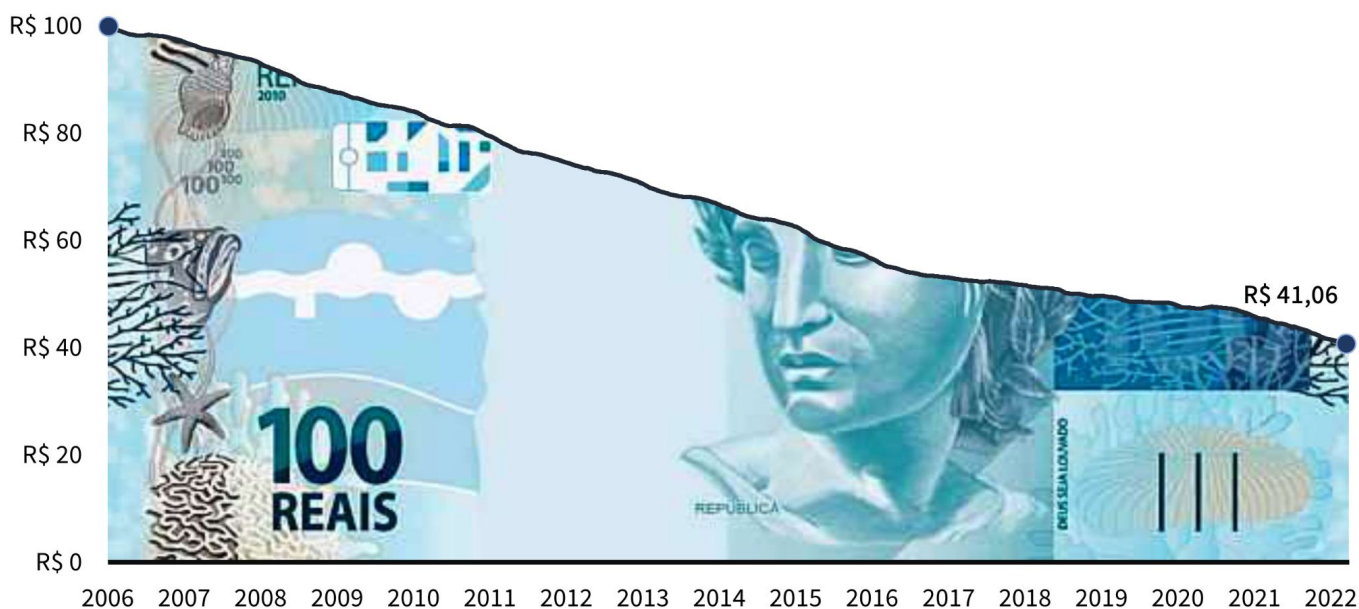
Renda Fixa através de fatores de risco

Imagine que você possui uma nota de cem reais no bolso. Agora, o que podemos fazer com ela? Bem, embora o primeiro impulso seja o de gastar este dinheiro com alguma coisa interessante - um chocolate, uma roupa, um presente - ele também pode ser poupado. É, manter o dinheiro no bolso também é muito interessante.

Poupar, no entanto, não significa ficar com o dinheiro no bolso ou embaixo do colchão, mas sim transferir riqueza do presente para o futuro. No entanto, para que isso ocorra, devemos garantir que nossa riqueza não perca valor com o passar do tempo. Em outros termos, devemos nos preocupar com a inflação daquilo que consumimos.

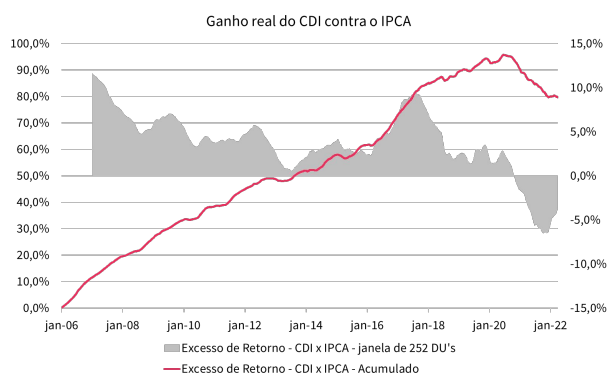
Suponha que essa nota de cem reais tenha surgido no seu bolso no início do ano de 2006; um bom tempo atrás. Se você fosse utilizar este dinheiro para comprar algo hoje, seu poder de compra teria se reduzido em praticamente 60,0%. Seria o equivalente a jogar sessenta reais no lixo. Triste, não?

Nos últimos dezesseis anos a inflação média foi ao redor de 5,7% ao ano, tendo atingido máximas ao redor de 11,0% ao ano no final de 2021 e mínimas de 1,9% ao ano em meados de 2020. Podemos notar, por meio desses dados, que a inflação no Brasil é volátil, atingindo pontos extremos no ambiente da pandemia do Covid. Assim sendo, estar desprotegido da variação dos preços pode ser muito prejudicial ao investidor.



Dito isso, como o brasileiro costuma se proteger da inflação? Um dos veículos mais utilizados é a Poupança, que atualmente apresenta remuneração de 70,0% da taxa SELIC + Taxa Referencial (T.R.) quando a SELIC está abaixo de 8,5%, ou remuneração de 0,5% ao mês + T.R. quando a taxa SELIC está acima de 8,5% ao ano.

Dado que, atualmente, o investimento na poupança é sempre menos rentável que o investimento realizado com remuneração de 100,0% da taxa SELIC (ou CDI, dado que as duas taxas são idênticas atualmente), propomos a comparação de como o investidor que se manteve aplicado em 100,0% do CDI durante estes 16 anos performou em termos de proteção patrimonial contra a inflação.



Podemos observar que o investidor que ficou investido em 100,0% do CDI durante este período conseguiu obter ganho real frente à inflação. Também, podemos notar que este ganho oscilou bastante no período (observando a métrica de janela de 252 dias úteis, ou um ano completo), sendo negativo desde meados do ano de 2021. Isso significa que ficar investido em algo mais rentável que o investimento mais popular do Brasil perdeu valor frente à inflação nos últimos tempos.

Isto traz à tona um questionamento. Historicamente, investir em algo que remunera 100,0% do CDI foi muito interessante. Será que iremos observar este mesmo fato daqui para a frente? Será que o retorno, historicamente acima da inflação, voltará a ser positivo?

Embora o efeito histórico tenha sido muito interessante, muita coisa mudou durante este período. Os avanços pelos quais a economia brasileira vem passando, bem como o próprio avanço das instituições do mercado financeiro brasileiro, nos levam a crer que o juro real de curto prazo deve ter se estabilizado em patamar consideravelmente inferior à média histórica.

Muitos economistas, por exemplo, assumem a convergência desse valor para algo ao redor de 2,0% ao ano (onde o juro real de curto prazo é a diferença entre o CDI e o IPCA).

E é exatamente isso o que os dados mostram: o excesso de retorno do CDI frente ao IPCA vem decaindo. Se olharmos a janela com início em janeiro de 2006, o retorno real do CDI foi de aproximadamente 3,7% ao ano. Tomando a janela com início em janeiro de 2010, este retorno cai para 2,5% ao ano. Iniciando a janela em fevereiro de 2014, o retorno cai para 2,1%. E, por fim, começando a janela em março de 2018, o retorno cai para -0,8% ao ano. **Exatamente: quem ficou investido em 100,0% do CDI nos últimos quatro anos perdeu praticamente 1,0% de poder de compra em cada ano!**

Data	Jan/06	Jan/10	Jan/14	Mar/18
Juro Real	3,69%	2,47%	2,07%	-0,81%

Como diz a sabedoria popular, a salvação é pelo risco. Mas aqui não queremos defender que devemos abandonar o nosso querido CDI e rumar para um portfólio integralmente composto por ações, opções, cripto ativos e outros ativos que o imaginário popular liga à geração rápida de riqueza. Nossa intenção é demonstrar como, através de ideias simples, podemos buscar retornos consistentes para um portfólio conservador (ou não).

Mas o que permite que possamos buscar retornos consistentes com baixo risco neste ambiente onde o CDI não aparenta mais ser tão interessante?

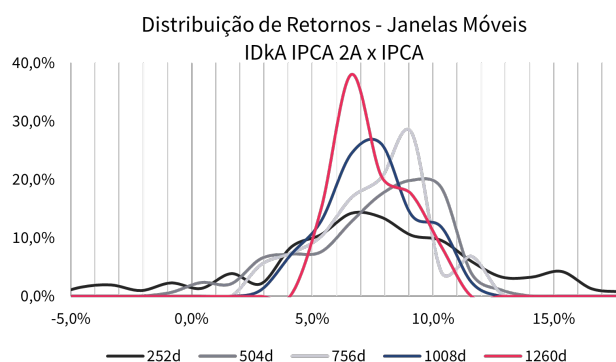
Em nossa [segunda carta](#), falamos sobre como uma carteira construída pela ótica de fatores de risco consegue agregar valor sem deixar de lado o controle de risco. Já na [carta seguinte](#), lançamos a provocação de como uma carteira composta por 99,0% CDI e 1,0% bitcoin pode ser tão conservadora quanto uma carteira totalmente exposta ao CDI, mas ser mais eficiente.

Em outras palavras, pensar portfólios pela ótica de fatores de risco nos tira amarras relevantes que o restante dos investidores ainda possui, nos revelando uma boa alternativa de investimentos.

Se a salvação só existe através do risco, qual seria a maneira mais eficiente de tomarmos risco? Aqui, propomos uma construção simples de como podemos pensar nisso. Já vimos que ficar com dinheiro no bolso significa perder poder aquisitivo. Também, já vimos que investir em ativos que pagam 100,0% do CDI não é mais um local seguro para garantir nosso poder de compra. O que resta?

Nosso primeiro exercício seria analisar os títulos públicos atrelados à inflação (aqui, você deve conhecer estes títulos por vários nomes, dentre eles o Tesouro IPCA ou a NTN-B). A ideia aqui é ver como o mercado nos remunerou nos últimos anos por ficar aplicado (ou investido) em títulos públicos indexados à inflação (IPCA). Mas porque títulos públicos? Supondo que os títulos do nosso governo não apresentam risco de crédito em moeda local (ou seja, o Brasil não deixaria de pagar dívidas emitidas em reais, dado que pode emitir moeda para pagá-la), comparar o retorno desse investimento contra a inflação e contra o CDI nos daria uma ideia de quanto o risco de mercado remunera o investidor.

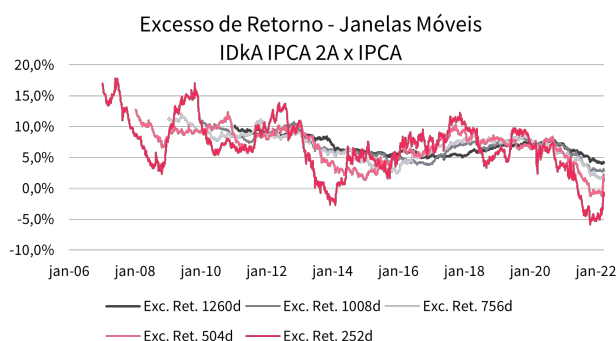
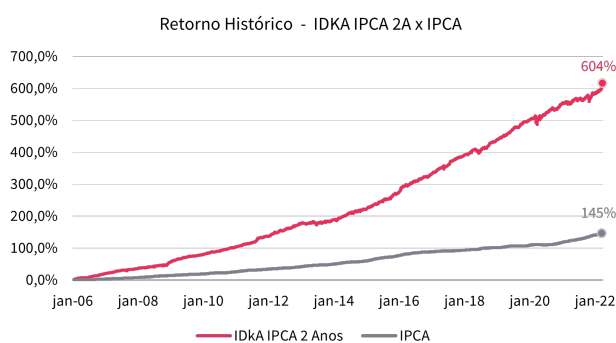
Para realizar esta comparação, utilizamos o índice IDkA IPCA da ANBIMA. Este índice replica, de forma sintética, o investimento em títulos públicos atrelados à inflação com uma determinada duration (ou prazo médio ponderado). Um ponto negativo de utilizar esta comparação é que o IDkA não é “investível” (não podemos replicar exatamente o índice). No entanto, é o melhor instrumento para realizarmos este exercício, dado que podemos ter controle sobre o que estamos expostos (que é o juro real para um prazo fixo no futuro).



Estatísticas IPCA+ (IDKA IPCA 2A vs IPCA)						
	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Média	7,33%	6,78%	6,83%	6,94%	6,86%	6,81%
Mediana	6,67%	6,77%	7,44%	7,44%	6,92%	6,33%
Máximo	71,89%	17,81%	12,78%	12,14%	11,01%	10,14%
Mínimo	-37,60%	-5,84%	-1,26%	1,61%	2,73%	4,00%
Desvio	11,95%	4,49%	2,79%	2,24%	1,90%	1,43%
Observações	4057	3826	3574	3322	3070	2818

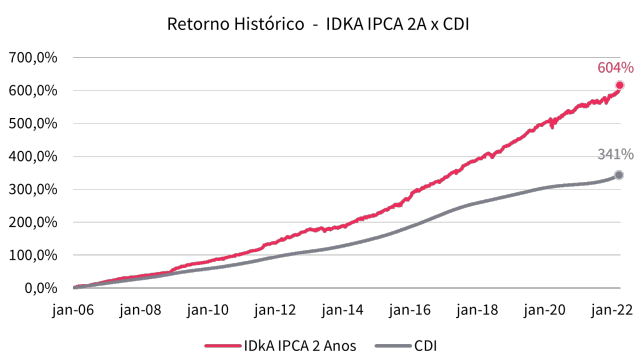
Nos gráficos acima, utilizamos o comparativo entre o IDkA IPCA de 2 anos contra o índice de inflação IPCA. Queremos observar o que obteríamos de retorno real se estivéssemos sempre aplicados em um ativo indexado ao IPCA com dois anos de prazo médio (duration).

Os dados nos mostram que o índice performa consistentemente acima da inflação. Apesar de esperado (dado que o índice é indexado ao IPCA), podemos ver que a remuneração por estar exposto a ele é da ordem de 6,8% ao ano acima do IPCA. No entanto, assim como a remuneração do CDI contra o IPCA vem decaindo, a remuneração do IDkA IPCA 2 anos também vem cedendo. Nos últimos quatro anos, esta remuneração ficou na ordem de 3,0% acima do IPCA.



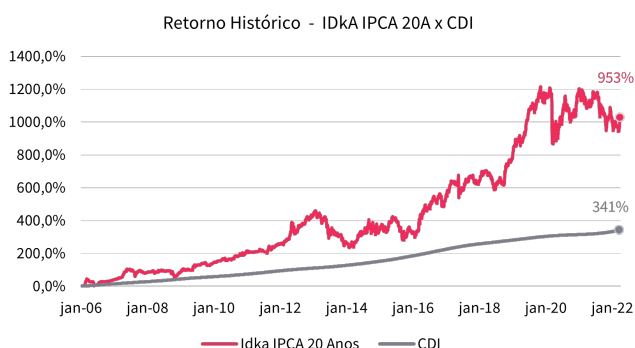
Data	Jan/06	Jan/10	Jan/14	Mar/18
Excesso IDKA 2A x IPCA	6,77%	5,39%	5,20%	3,03%

Como curiosidade, apresentamos abaixo a performance do IDkA IPCA 2 anos contra o CDI. A ideia, aqui, é analisar como um dos investimentos mais populares performou contra nosso desafiante. Podemos notar que o índice IDkA IPCA 2 anos performa bem acima do CDI, entregando retornos consistentes em termos de média esperada e desvio - chamamos isso de prêmio de risco. No caso, o prêmio de risco de mercado para o prazo médio de dois anos. Em outras palavras, se o CDI é nossa remuneração pelo risco de um único dia, o IDkA IPCA 2 anos traria nossa remuneração para um risco de dois anos (ou seja, ficar sem poder acessar nosso dinheiro por dois anos) e a diferença entre estas duas remunerações seria o prêmio de risco ligado ao prazo em questão.



Estatísticas CDI+ (IDKA IPCA 2A vs CDI)						
	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Média	3,40%	2,95%	2,90%	2,93%	2,83%	2,75%
Mediana	2,73%	2,98%	2,93%	2,99%	2,79%	2,81%
Máximo	61,78%	10,15%	6,76%	6,01%	6,00%	4,50%
Mínimo	-38,90%	5,02%	-1,60%	-0,34%	0,10%	0,69%
Desvio	10,45%	2,57%	1,64%	1,25%	1,10%	0,87%
Observações	4057	3826	3574	3322	3070	2818

Bem, mas como esse prêmio de risco se comportaria se fôssemos para outro oposto? Para exercitar como se comportaria um prêmio de risco com duration maior, utilizamos o IDkA IPCA 20 anos; ele segue a mesma ótica do índice exposto anteriormente, mas com um prazo médio consideravelmente mais longo - de 20 anos!



Estatísticas CDI+ (IDKA IPCA 20A vs CDI)

	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Média	44,8%	7,7%	6,0%	6,3%	5,9%	5,5%
Mediana	7,2%	6,4%	6,7%	6,9%	6,1%	5,9%
Máximo	6037,3%	74,1%	26,7%	22,9%	23,4%	17,2%
Mínimo	-97,4%	-44,1%	-18,9%	-19,2%	-7,5%	-4,8%
Desvio	241,1%	19,8%	10,4%	7,9%	6,5%	4,96%
Observações	4057	3826	3574	3322	3070	2818

Como esperado pela ótica de risco, o IDkA IPCA 20 anos oferece excesso de retorno contra o CDI acima do que o IDkA IPCA 2 anos. Citamos que este resultado é esperado, dado que quanto maior o período pelo qual aplicamos o nosso dinheiro, maior é o retorno exigido - e isso de fato vem ocorrendo. No entanto, note como as janelas de performance para o índice de 20 anos são muito mais voláteis do que as janelas para o índice de 2 anos. Isso indica maior risco, o que também faz sentido (usualmente, mais retorno tende a ser atingido como maior tomada de risco).

Mas porque há mais risco, se estamos tratando de títulos públicos indexados à inflação? Aqui, temos dois riscos principais: (i) insuficiência da proteção contra a inflação e (ii) necessidade de liquidez por parte do investidor. Quanto à proteção contra à inflação, imagine que a inflação este ano será da ordem de 900,0% contra expectativa de 890,0%. Nesse caso, embora acima do esperado, podemos notar que a inflação atingiu um patamar tão alto que talvez o índice não seja mais representativo para medir a inflação da nossa cesta de consumo. Em outras palavras, não conseguimos mais nos proteger da inflação através de ativos indexados à inflação; agora é necessário estarmos protegidos através de ativos reais, que costumam ser mais aderentes à inflação real nesses cenários.

Agora, vejamos o outro risco - o risco de liquidez. Embora nosso ativo seja indexado à inflação, a flutuação nos juros faz com que possamos ter retorno negativo mesmo em meses de inflação positiva e/ou acima do esperado. Assim sendo, é necessário que o investidor permaneça investido tempo suficiente para que o ruído de curto prazo seja disperso e o fundamento de longo prazo mostre seu valor. Para demonstrar isso, note a tabela abaixo onde IDkA IPCA 2 anos tem excesso de retorno positivo em todos períodos de janelas de 4 anos, enquanto que o IDkA IPCA 20 anos não entrega isso nem em janelas de 5 anos. Ou seja, embora o prêmio de risco de 20 anos remunere melhor do que o prêmio de risco de 2 anos, precisamos ficar expostos ao primeiro muito mais tempo para garantir que nosso retorno supere o CDI.

Estatísticas CDI+ (IDkA IPCA 2A vs CDI)						
	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Mediana	2,73%	2,98%	2,93%	2,99%	2,79%	2,81%
Mínimo	-38,90%	5,02%	-1,60%	-0,34%	0,10%	0,69%
Desvio	10,45%	2,57%	1,64%	1,25%	1,10%	0,87%

Estatísticas CDI+ (IDkA IPCA 20A vs CDI)						
	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Mediana	7,2%	6,4%	6,7%	6,9%	6,1%	5,9%
Mínimo	-97,4%	-44,1%	-18,9%	-19,2%	-7,5%	-4,8%
Desvio	241,1%	19,8%	10,4%	7,9%	6,5%	4,96%

Analisados estes dois pontos na curva dos IDkAs IPCA, é interessante observarmos como o prêmio de risco de mercado ligado ao juro real se comporta em mais maturidades. Para isso, analisamos a métrica do excesso de retorno contra o CDI para janelas de três anos, bem como outras estatísticas de performance.

Estatísticas CDI+ (IDkA IPCA vs CDI - janelas de 3 anos)					
	IDka 2A	IDka 3A	IDka 5A	IDka 10A	IDka 20A
Média	2,93%	3,41%	3,87%	4,69%	6,29%
Mediana	2,99%	3,37%	3,85%	4,71%	6,97%
Máximo	6,01%	7,87%	10,78%	14,51%	22,94%
Mínimo	-0,34%	-1,90%	-4,57%	-9,59%	-19,18%
Desvio	1,25%	1,82%	2,78%	4,60%	7,97%

Como podemos observar, quanto maior o prazo médio do índice, maior o excesso de retorno médio e mediano das janelas de três anos contra o CDI; isso nos traz evidência de que estar mais exposto ao risco de mercado está compensando o investidor. Por outro lado, o risco (medido aqui pelo desvio das janelas de excesso de retorno) também aumenta conforme o prazo médio do índice aumenta. Ou seja, **mais retorno está vindo acompanhado de mais risco**, o que faz sentido em teoria.

O prêmio da Inflação

O mercado não transaciona somente títulos atrelados à inflação. Um dos ativos mais importantes do mercado são os títulos prefixados, onde o detentor dos ativos carrega o risco de surpresa inflacionária. Ou seja, o investidor deveria ter retorno maior ao ficar exposto em títulos prefixados quando comparado a títulos indexados à inflação com demais características iguais. Será que isso realmente acontece?

Quando comparamos os índices IDkA IPCA e IDkA Pré para mesmo prazo médio, deveríamos observar excesso de retorno positivo do Pré contra o IPCA. No entanto, como podemos observar abaixo, isso não é necessariamente verdade.

Estatísticas IPCA+ (PRÉ vs IPCA - janelas de 3 anos)			
	2 anos	3 anos	5 anos
Média	-0,31%	-0,13%	0,19%
Mediana	-0,57%	-0,44%	-0,14%
Máximo	4,40%	6,43%	9,15%
Mínimo	-3,88%	-5,03%	-6,39%
Desvio	1,49%	1,84%	2,44%

Comparamos durations de dois, três e cinco anos. O intuito aqui é que a exposição em IDkA Pré acrescentasse retorno, em média, à exposição do IDkA IPCA, dado que o investidor está exposto, agora, à surpresa inflacionária. No entanto, como podemos observar, estar exposto ao prêmio de inflação não remunerou o investidor de forma sistemática como era de se esperar. Também, a diferença entre o excesso de retorno máximo e mínimo entre Pré e IPCA é bem assimétrica - o pior cenário é muito danoso. Isso é reflexo da nossa realidade, onde seguidamente vemos a inflação superar as previsões de analistas de mercado. Por vezes, isso ocorre mais de uma vez ao ano.

Aqui, temos um ponto de discussão importante: **será que correr o risco do prêmio de inflação no Brasil vale à pena?** Em outras palavras, será que o investidor está bem servido ao investir em títulos prefixados? Embora os dados apresentados tragam argumentos contrários a esta exposição, não podemos tomar isso como verdade absoluta. Além do erro de medida de utilizar o IDkA para tal comparação, estamos olhando para o retrovisor. Ou seja, não podemos eliminar por completo a exposição de prefixados em nossas carteiras, mas fica a pulga atrás da orelha.

Expandindo Horizontes

Dado que estamos refletindo sobre o prêmio de risco de duration, o próximo passo é confrontar nossos dados com investimentos condizentes com nosso custo de oportunidade. Em outras palavras, após termos trazido à tona este prêmio de risco, devemos compará-lo a possíveis concorrentes dentro da carteira do investidor.

A comparação que iremos realizar é contra o IBX, o índice de ações da B3 que é composto pelas cem maiores empresas da bolsa. Utilizamos o IBX ao invés do Ibovespa por questões metodológicas deste último. Após a mudança de metodologia ocorrida no ano de 2014, ambos índices ficaram muito parecidos; no entanto, para comparações mais longevas, utilizar o IBX nos traz maior acurácia comparativa.

Mas porque estamos comparando um índice de títulos públicos com um índice de bolsa de valores? Bem, aqui está o cerne da questão: os fatores de risco.

Partindo do modelo de apreçamento de dívida de Merton (1974), podemos observar a ação de uma empresa como sendo uma call sobre o ativo desta empresa com strike no valor de face da dívida. Em linhas gerais, o modelo argumenta que o credor (para quem a empresa deve) tem preferência sobre os recursos oriundos da empresa. Somente após o pagamento das dívidas que o acionista conseguiria ser remunerado. Mas como isso conversa com o que argumentamos até aqui?

Podemos quebrar uma ação em alguns prêmios de risco. Exemplos dele são: risco de juros (que é o que estamos chamando de prêmio de risco de duration), prêmio de risco de crédito, prêmio de liquidez, e prêmio de risco de equity (que é a remuneração do acionista, quando controlada pelos prêmios anteriores). O que estamos argumentando aqui é que a remuneração do acionista tem que ser no mínimo maior do que o prêmio de risco mais básico do nosso cenário - o prêmio de risco de duration. Assim sendo, procedemos com algumas comparações.

Estatísticas IBX+ (IDkA IPCA 2A vs IBX)						
	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Média	167,74%	5,33%	4,67%	4,55%	4,53%	4,97%
Mediana	-0,40%	2,81%	5,73%	5,86%	4,61%	4,80%
Máximo	91.771,16%	129,34%	33,58%	25,92%	23,16%	22,11%
Mínimo	-91,63%	-42,64%	-24,26%	-18,40%	-15,84%	-12,16%
Desvio	2.398,27%	24,25%	11,61%	8,43%	7,63%	6,88%

Inicialmente, comparamos o índice IDkA IPCA 2 anos contra índice IBX. Aqui, podemos notar que após um ano (ou 252 dias úteis) começamos a ver o excesso de retorno do IDkA se comportar de forma mais suave. Para janelas com horizonte de cinco anos (1260 dias úteis), por exemplo, podemos notar que o IDkA IPCA 2 anos entrega excesso de retorno perto de 5,0% ao ano contra o IBX.

Estatísticas IBX+ (IDkA IPCA 20A vs IBX)

	21d	252d	504d	756d	1080d	1260d
Média	62,12%	7,93%	7,32%	7,56%	7,33%	7,66%
Mediana	-0,38%	5,80%	5,96%	5,58%	6,52%	7,57%
Máximo	8.770,59%	86,86%	39,17%	33,00%	33,39%	24,44%
Mínimo	-92,01%	-34,38%	-22,63%	5,94%	-4,52%	-5,31%
Desvio	360,29%	21,84%	12,07%	7,81%	6,16%	6,33%

No entanto, a fim de analisar um índice que tenha volatilidade mais parecida com o IBX, partimos para o índice IDkA IPCA 20 anos contra índice IBX. Aqui, a convergência do excesso de retorno demora um pouco mais para aparecer. No entanto, para janelas de cinco anos, obtemos excesso de retorno da ordem de 7,5% ao ano.

Mas o que isso significa? Segundo nossa ótica, teríamos que o prêmio de risco ligado às ações (o equity risk premium) teria sido negativo no período. Em outras palavras, teria sido mais lucrativo e eficiente ao investidor ter investido sua parcela do portfólio de alto risco em títulos públicos longos ao invés de investir em ações brasileiras. Com juros reais altos ao longo do período analisado, faz sentido imaginar que as empresas tenham tido dificuldade de manter suas operações lucrativas. Também, dado que a inflação no período não foi exorbitante (tivemos picos pouco acima de 10,0% ao ano), pode ser que os títulos públicos atrelados à inflação tenham conseguido recompor a inflação mais do que as empresas conseguiram repassar preços ao consumidor.

E como os últimos anos de juros baixos impactaram esta ótica? A tabela abaixo traz uma informação interessante

Excesso de retorno anualizado IBX+ (IDkA IPCA vs IBX)				
Duration	Jan/06	Jan/10	Fev/14	Mar/18
2 anos	2,51%	3,94%	-0,73%	-0,75%
3 anos	2,88%	4,36%	-0,23%	-0,30%
5 anos	3,07%	4,66%	0,22%	0,00%
10 anos	3,45%	4,92%	1,07%	-0,22%
20 anos	5,38%	5,25%	2,68%	-1,39%

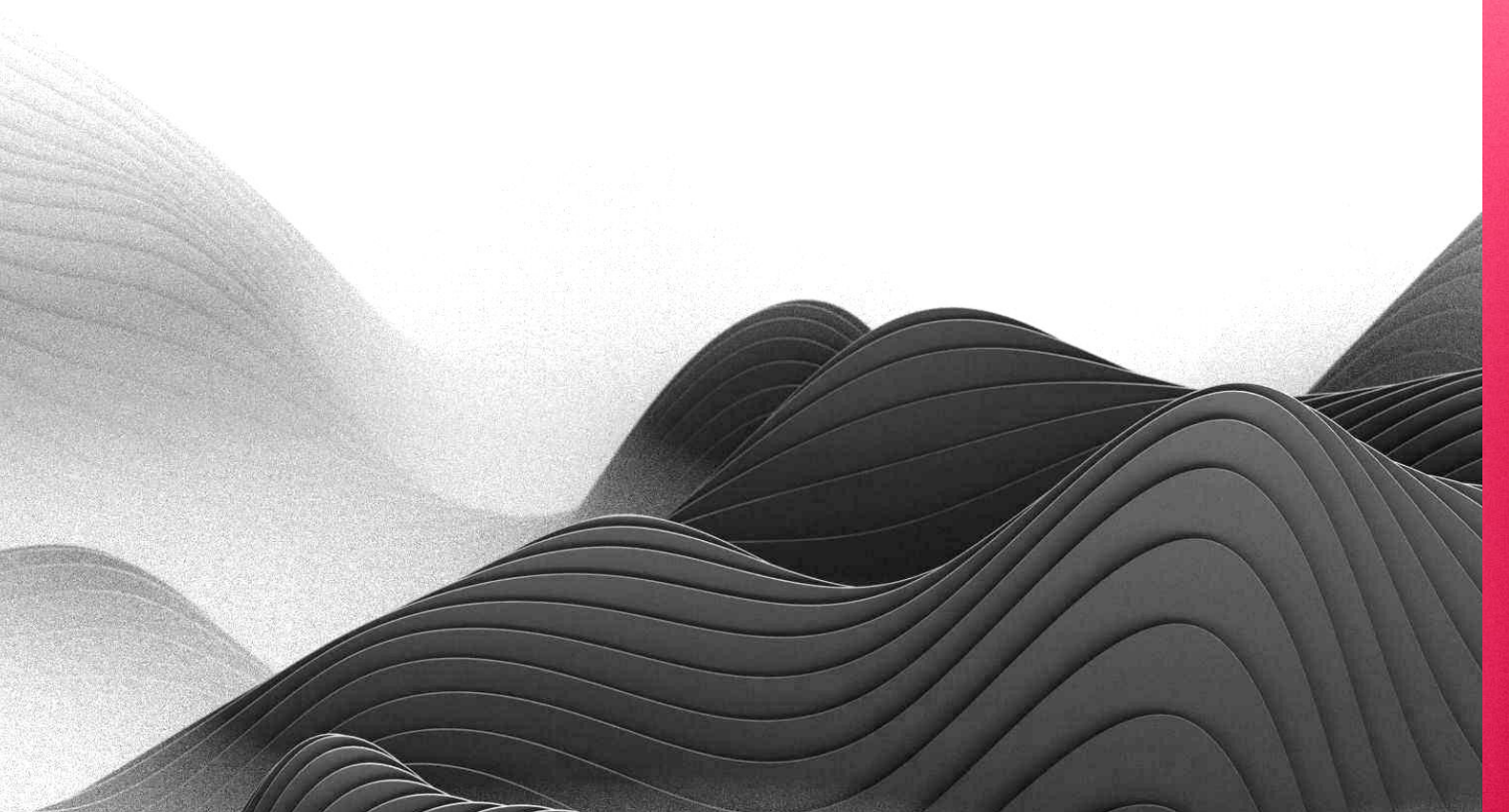
Embora o IDkA IPCA, em todos os prazos apresentados, tenha gerado excesso de retorno sobre o IBX, podemos notar que tal prêmio vem decaindo com o tempo, bem como ficando negativo em alguns casos. Isso seria uma evidência a favor do ressurgimento do prêmio de equity no Brasil, ou seja, poderíamos estar vivenciando um período onde investir em ações volta a ser interessante para o investidor. Entretanto, novamente, esta é apenas uma hipótese.

Em resumo, toda esta comparação entre diversos índices de mercado tem o propósito de elucidar como podemos estruturar nossa carteira de investimentos de forma simples e escolhendo os melhores veículos na tomada de risco. Nossa hipótese é que a melhor maneira de conduzir esse problema é através da ótica de fatores de risco, conforme apresentado ao longo do texto.

Tentamos erguer evidências de como o investidor pode pensar sua carteira de forma simples e prática, sem deixar de lado o rigor científico que esta abordagem exige. No fim, nunca estaremos certos; somente não fomos provados errados ainda. Esse é um dos motivos de estarmos sempre testando a validade dos diversos fatores.

A hipótese central por trás do investimento em fatores é que eles tendem a ser mais estáveis ao longo do tempo do que outras características dos ativos financeiros. Aqui surge a simplicidade: em média, a estratégia funciona muito bem, obrigado.

No entanto, mesmo os fatores de risco possuem aleatoriedade e ciclos em suas janelas de retorno. Aqui, surge a necessidade da gestão ativa em fatores de risco, tentando se beneficiar do melhor momento de cada fator, bem como visando se defender da aleatoriedade do curto prazo, inerente a qualquer investimento.





Nossos Fundos

Esta seção se dedica a trazer as principais informações sobre o desempenho mensal dos fundos da casa para que você se mantenha bem informado sobre o nosso processo de gestão. Além dos resultados do mês, reunimos informações e métricas dos fundos, em comparação aos seus benchmarks, bem como as principais contribuições do mês.

Atualmente, possuímos 20 fundos comerciais, com exposição a diversas classes e tipos de ativos para o horizonte de investimento de longo prazo.

Renda Fixa

- › Warren Tesouro SELIC;
- › Warren Cash Clash;
- › Warren FIC Crédito Privado;
- › Warren Vênus Crédito Privado;
- › Warren Ísis;
- › Warren IPCA Curto.

Previdência:

- › Warren Prev. Gestão Ativa;
- › Warren Artemis.

Multimercado:

- › Warren Omaha;
- › Warren Cripto.

Ações

- › Warren Brasil FIA;
- › Warren USA FIA;
- › Warren Green;
- › Warren Equals;
- › Warren Games;
- › Warren Tech;
- › Warren Ásia;
- › Warren Global Factors;
- › Warren Fatores Brasil.

Cambial:

- › Warren Dólar.

Dúvidas, entre em contato com a nossa equipe pelo gestao@warren.com.br.

**Um abraço,
Warren Asset Management**

Disclaimer Geral

Esta publicação possui natureza informativa, não devendo ser entendido como recomendação de qualquer investimento ou sugestão de alocação por parte dos destinatários. Os ativos financeiros e/ou as carteiras de investimentos discutidas neste material podem não ser adequadas para todos os investidores, tendo em vista que os objetivos de investimento, situação financeira e necessidades de cada investidor podem variar. Para avaliação da performance de um fundo de investimento, é recomendável a análise de, no mínimo, 12 (doze) meses. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Leia o prospecto, o formulário de informações complementares, lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir.

